



O paratleta e o jornalismo esportivo :a invisibilidade impressa¹

Andréia Luciana MACEDO²

Dalila dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O presente artigo analisa como o paratleta é pautado pela mídia impressa. Na perspectiva de refletir sobre o papel do jornalismo esportivo na desconstrução de estereótipos e promoção de uma sociedade inclusiva, foi realizado um estudo sobre o enquadramento do atleta com deficiência no Jornal do Commercio de Pernambuco. O trabalho descreve os critérios e noticiabilidade da seção de esportes do jornal e discute o espaço do paraesporte na cobertura esportiva desse veículo de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo, paraesporte, paratleta,

Introdução

No cenário nacional, o jornalismo esportivo se destaca por pautar principalmente o futebol, considerado o esporte mais popular do país. Assim como as emissoras de televisão que destinam maior parte da programação a cobertura de campeonatos futebolísticos, a mídia impressa pouco tem ocupado as páginas da seção de esportes com outras modalidades.

Dessa forma, o jornalismo esportivo desenvolvido pela imprensa brasileira possui uma estreita ligação com o entretenimento. Essa realidade é preocupante, uma vez que a priorização de um esporte em detrimento dos demais se configura como uma prática excludente comprometendo assim o papel social inerente a atividade jornalística.

Afim de compreender como o paratleta é pautado na mídia impressa foi desenvolvido um estudo de análise do enquadramento do editorial de esportes do Jornal do Commercio de Pernambuco. O objetivo do trabalho é analisar a cobertura esportiva desse veículo e verificar se o paraesporte é pautado diariamente pelo jornal.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 8 . semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UNEB , email: lucianaupe@gmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UNEB, email: dalicarter@gmail.com



A pessoa com deficiência e o esporte

Ao longo da história humana, as pessoas com deficiência foram saindo da condição de marginalizados para conquistar espaço na sociedade e direitos civis que outrora foram negados. Da invisibilidade imposta pelo preconceito passaram a ser sujeitos atuantes nos diferentes seguimentos sociais. Se hoje a deficiência não se configura como um fator que impede o sujeito de frequentar a escola, trabalhar, praticar esportes e ter uma vida ativa enquanto cidadão, no passado não era essa a realidade.

Em algumas civilizações antigas, como na Grécia e em Roma, as pessoas que nasciam com deficiência eram banidas do convívio social sendo muitas vezes eliminadas ou abandonadas para morrer. O surdo, por exemplo, era considerado ininteligível e em virtude disso não tinha acesso a escolarização. Proibidos de casarem e privados de frequentar os mesmos ambientes que os ouvintes, as pessoas surdas não podiam exercer plenamente a cidadania. (STROBEL, 2008).

Dessa forma, os nascidos com deficiência eram percebidos pela sociedade pelo viés da imperfeição física ou da ótica mística. Acreditava-se que a deficiência consistia em uma forma de punição divina. Na idade Média, a igreja exerceu influência sobre esse pensamento, uma vez que o cristianismo concebe o homem como imagem e semelhança de Deus, ou seja pela ótica da perfeição. Vai ser também por meio da religião que as práticas de eliminação serão extintas com o surgimento da cultura assistencialista. (FERNANDES, 2010)

Somente no século XX vão surgir estudos sobre as deficiências. Neste período que traz consigo o avanço tecnológico e científico, a pessoa com deficiência vai começar a ser vista pela sociedade como um cidadão. Sob a influência da Declaração Universal dos Direitos Humanos, movimentos são organizados tanto pelo sujeito com especificidades quanto por seus familiares na perspectiva de inclusão social e combate a discriminação. (FERNANDES, 2010)

Percebe-se que a trajetória da pessoa com deficiência está marcada tanto por períodos de segregação como pela resistência e conquistas. Nesse sentido, as associações e os institutos desempenharam um importante papel na inclusão social do sujeito com deficiência por se configurarem como instâncias de apoderamento político desses indivíduos.

Embora a pessoa com deficiência esteja atuando hoje no mercado de trabalho, nas universidades, na política e em atividades que no passado eram realizadas apenas

por pessoas sem limitações físicas e mentais - como o esporte - não significa que o preconceito foi extinto da sociedade. Os resquícios culturais de uma sociedade que foi construída a base da exaltação ao corpo, a força e a racionalidade, ainda estão presentes e podem ser percebidos pela ausência de uma forte representatividade das pessoas com deficiência na mídia.

No âmbito do entretenimento, o sujeito com deficiência quase não aparece, e quando é pautado é enquadrado de forma estereotipada ou cômica, como nos programas de auditório que exploram as limitações dos participantes para obter audiência. Com o jornalismo não é diferente, principalmente no que se refere ao esporte.

O jornalismo esportivo no Brasil ainda não contempla de forma inclusiva o paratleta. Isso reflete a necessidade de se rever as práticas e os critérios de noticiabilidade da cobertura esportiva nos meios de comunicação de massa. A transmissão do paraesporte em competições importantes para o país praticamente não existe. Seja no rádio, na televisão ou jornal impresso, os atletas com deficiência não são pautados. Em contrapartida, o futebol convencional e os seus craques ocupam quase todo o espaço jornalístico destinado ao esporte.

Essa realidade faz suscitar questionamentos acerca do pouco espaço no jornalismo esportivo para o paratleta. Se os atletas com deficiência tem se destacado nos últimos anos em grandes competições, superando inclusive o desempenho dos atletas que não tem especificidades físicas, por que não são noticiados ?

Na última competição Paraolímpica que aconteceu em Londres no ano de 2012, o Brasil finalizou a participação na competição ocupando o sétimo lugar no ranking de medalhas como mostra a tabela abaixo:

Olimpíadas

Quadro de Medalhas

	País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º	Estados Unidos	46	29	29	104
2º	China	38	27	25	88
3º	Reino Unido	29	17	19	65
4º	Rússia	24	26	32	82
5º	Coreia do Sul	13	8	7	28
6º	Alemanha	11	19	14	44
7º	França	11	11	12	34
8º	Itália	8	9	11	28
9º	Hungria	8	4	5	17
10º	Austrália	7	16	12	35
22º	Brasil	3	5	9	17

Paraolimpíadas

Quadro de Medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º China	95	71	65	231
2º Rússia	36	38	28	102
3º Reino Unido	34	43	43	120
4º Austrália	33	23	29	85
5º Ucrânia	32	24	28	84
6º Estados Unidos	31	29	38	98
7º Brasil	21	14	8	43

Fonte: Agência CH (2012)



Os dados supracitados apontam para resultados que muito dizem sobre o paraesporte não só no Brasil como nos Estados Unidos, Reino Unido e Rússia, países onde os atletas com deficiência tem conquistado muitas vitórias. Com número de medalhas de ouro sete vezes superior ao das Olimpíadas, os atletas que representam o Comitê Paraolímpico Brasileiro não tiveram suas vitórias transmitidas, como relembra Tatiane Hilgemberg 2005:

Enquanto os Jogos Olímpicos são divulgados à exaustão, os Jogos Paraolímpicos ficam relegados a uma ínfima cobertura jornalística. Aqueles que conseguem uma imagem positiva na mídia, devido as suas vitórias, são tidos como símbolos de superação, e à sociedade cabe somente a função de reconhecer e aplaudir o sucesso daqueles que teriam vencido as suas próprias limitações. De acordo com Carlos Alberto Marques, para a sociedade o bom desempenho de deficientes se dá como uma compensação da deficiência. (p. 2)

Com a fala de Hilgembeg é possível refletir sobre a prática jornalística e a sua influência na formação de opinião do receptor e na construção de estereótipos. Ora, se os atletas com deficiência não são pautados como esportistas comuns que tem rotinas de treinamento, que competem em diferentes campeonatos e enfrentam dificuldades de patrocínio a semelhança dos outros atletas sem deficiência, como as pessoas vão romper com o paradigma de estranhamento ao diferente?

Sobre o papel da mídia, Novais (2000) vai afirmar que diante da capacidade de “influenciar a proporção e a importância que um determinado assunto irá adquirir na opinião pública (agenda-setting), os media deveriam usar esse poder para transformar o desconhecido em familiar.” (p.3)

Algumas pessoas não sabem em que consistem os jogos Paraolímpicos mesmo esse campeonato existindo há mais de 50 anos. A primeira Olimpíada destinada aos atletas com deficiência aconteceu em Roma em 1960 e desde então tem conquistado grande destaque no cenário esportivo, sendo esse evento considerado o segundo maior do mundo (GONZALES, 2008)

O Brasil que iniciou sua participação nas Paraolimpíadas em 1972 tem evoluído a cada competição. Ocupando a melhor posição na história, a equipe paraolímpica brasileira trouxe 21 medalhas de ouro para o país no último evento. A expectativa é superar essa marca em 2016 quando o Brasil sediará os jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Segundo Tom Degun (2011), em depoimento a revista do Comitê Paraolímpico Brasileiro, essa será uma “oportunidade única para o Brasil mudar atitudes em relação a deficiência por toda América do Sul”. (p.5)



Se os paratletas que participam de campeonatos de proporção mundial como as Paraolimpíadas reclamam da falta de visibilidade, os inúmeros esportistas com deficiência existentes no país atuam no completo anonimato justamente por não serem considerados como importantes pautas dentro do jornalismo esportivo. No ano de 2012 o atleta petrolinense Francisco Daniel Coelho foi destaque na mídia de sua cidade natal e nas regiões circunvizinhas. Com uma trajetória de anos de treinamento e preparação no atletismo, Daniel que tem paralisia cerebral tornou-se conhecido somente após conquistar medalha de ouro nos jogos panamericanos em 2011 no México. Assim como ele, outros para atletas são pautados pelo jornalismo apenas quando se destacam em competições importantes.

A promessa de medalhas ou a vitória em alguma competição de destaque são os critérios adotados pela cobertura jornalística para pautar o atleta com deficiência. Geralmente nessas matérias, o enquadramento e o direcionamento dado a reportagem se reduz ao viés da superação, mostrando o esportista apenas pela perspectiva da deficiência. Essa abordagem reforça o estigma que Novais (2009) vai chamar de “super-herói”, pois para ele “tal estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heroico para compensar a sua limitação” (p.3)

O jornalismo exerce uma função social importante que é informar as pessoas de forma ética e verdadeira e isso se estende ao âmbito esportivo também. Nesse sentido, o repórter deve se preocupar com os discursos que poderá reproduzir ao realizar uma cobertura esportiva.

Sobre a importância de desafiar o jornalismo a pautar as diferentes modalidades de esportes que muitas vezes são socialmente marginalizados e fazer com que os paratletas ganhem visibilidade nas narrativas esportiva, não por meio de discursos que o estigmatizam, mas com coberturas coerentes que os retratem enquanto importantes atletas no cenário esportivo nacional, Novais (2009) vai dizer que:

O ideal seria que ao invés do coitadinho ou do super-herói, os media retratassem o atleta de desporto adaptado como uma pessoa comum, com potencialidade de desenvolvimento e algumas dificuldades específicas, ou seja apenas um ser humano. (p. 15)



O Jornal do Commercio e a invisibilidade impressa

Tradição na imprensa pernambucana e com 95 anos de existência, o Jornal do Commercio é o periódico que mais tem assinaturas no Estado. Com circulação diária, este impresso possui um caderno específico para cobertura esportiva que será objeto de análise aqui proposta. Na perspectiva de verificar se o paratleta é pautado, foi realizado um acompanhamento de 10 edições do jornal afim de investigar os critérios de noticiabilidade e o enquadramento dado ao paraesporte.

O jornal impresso é considerado um veículo que permite maior aprofundamento da notícia diferenciando-se assim do rádio e da televisão. (BORELI E FAUSTO NETO, 2001). Dentro dessa perspectiva, compreende-se que uma das principais características do impresso é o detalhamento da informação. Nesse sentido, a notícia esportiva desfruta de maior autonomia e liberdade, o que AMARAL (1969) apud Borelli (2002) vai associar ao forte caráter de entretenimento que o esporte possui.

Apesar da independência do editorial esportivo na produção da matéria, os critérios de noticiabilidade se aplicam a cobertura esportiva, pois esse é também um subcampo pertencente ao jornalismo tal qual afirma Souza:

Como em qualquer produto jornalístico, a seleção da notícia esportiva é um processo norteado pelos critérios de noticiabilidade universais à atividade de produção e transformação de acontecimentos em fatos noticiáveis. Também no noticiário esportivo tem mais chances de se tornar notícia o que é factual, que desperta o interesse do público, que atinge o maior número de pessoas, que seja inusitado ou curioso, que seja novidade e que apresente bons personagens. (2005. p. 2)

Semelhante maioria dos impressos, o caderno de esportes do Jornal do Commercio ocupa a última posição no jornal. Das 10 capas analisadas, 9 destacam o futebol. Isso reflete a forma como esse esporte é privilegiado no jornalismo esportivo. Apesar do futebol ser considerado o mais popular do país, sabe-se que é também o que mais movimenta interesses mercadológicos que se apropriam das mídias para promoverem-se. Se por um lado há fatores históricos que influenciaram a hegemonia do futebol no esporte, por outro há também o papel do jornalismo na formação dessa cultura, pois como ressalva Martinez apud Moreira e Junior :

É possível perceber que os produtos relacionados a determinadas modalidades e atletas, comentários, propagandas, entrevistas, “mesas redondas”, enfim, tudo o que é produzido no âmbito midiático, busca



estimular uma determinada forma de “consumo esportivo” e oferecer aos expectadores (consumidores) não apenas um jeito de visualizar o esporte, mas também, maneiras de se portar diante dele e consumi-lo (2009, p. 53)

O encaminhamento das matérias seguem o mesmo padrão de abordagem: a classificação dos times de futebol, os campeonatos, as tabelas de classificação, os jogadores convocados, as expectativas de vitória e as derrotas. Quase todas as páginas do caderno de esporte são construídas pautando o futebol e seus atletas. O mais alarmante dessa prática é a constatação de que as outras modalidades do esporte ou não são contempladas ou são mencionadas esporadicamente. Dessa forma, uma série de questionamentos vem à tona a medida que percebe-se a pouca visibilidade que é dada não só para os diferentes esportes, como para as atletas.

No período de 10 dias o Jornal do Commercio mencionou apenas uma vez o paraesporte. Na edição do dia 14 de outubro, em uma nota rápida citou que o Comitê Paraolímpico Brasileiro divulgou a lista de atletas que representarão o país em campeonato mundial de natação. Somente isso. Atletas paraolímpicos tem se destacado muito em campeonatos importantes projetando o país no cenário internacional. Mesmo diante dessa realidade o máximo que o jornalismo reserva para o atleta com deficiência são notas pequenas no final do jornal, isso quando o paratleta é pautado.

Considerações Finais

O discurso da inclusão é uma das principais bandeiras defendidas pela sociedade contemporânea. Fala-se em inclusão escolar dos alunos com deficiência, em políticas públicas para inserção do indivíduo que tem limitações no mercado de trabalho, criam-se leis para assegurar direitos dessas pessoas, mas ainda há barreiras que precisam ser ultrapassadas. Observa-se que o sujeito com deficiência não aparece em espaços que deveriam ser de todos sem distinção, como o jornalismo.

É necessário que o jornalismo esportivo contemple não só todas as modalidades de esportes como todos os atletas de forma coerente evitando reproduzir estigmas e preconceitos por meio de práticas viciosas como por exemplo, o enquadramento do paratleta pelo viés da superação. Essas posturas contribuem para que o foco da reportagem seja a deficiência em detrimento ao atleta enquanto pessoa normal. O Brasil é um país em que o paraesporte tem trazido conquistas importantes. A última



paraolimpíada é uma demonstração disso, pois o país encerrou sua participação no campeonato com a melhor colocação da história, trazendo pra casa 43 medalhas.

O jornalismo esportivo continua supervalorizando apenas um esporte quando há inúmeras modalidades e atletas que merecem destaque não pelas especificidades que possuem, mas pela contribuição que tem dado para o país dentro desse cenário.

Há muito para refletir sobre o papel do jornalismo esportivo, principalmente na perspectiva de romper paradigmas e preconceitos com relação aos atletas com deficiência. É preciso pauta-los, não por obrigação ou para cumprir com o papel social apenas, mas sobretudo, para levar ao espectador uma realidade que é pouco mostrada: que os paratletas assim como os que não possuem limitações são atuantes e importantes para o país.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 25, 2002, Salvador/BA. Anais... Salvador: INTERCOM, 2002.

BORELLI, Viviane; FAUSTO NETO, Antonio. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve reflexão**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12, 2001, Caxambu-MG. Anais... Caxambu: CBCE, 2001.

DEGUN, Tom. **O Brasil é a força emergente no esporte paraolímpico**. Revista do Comitê Paraolímpico. 2011.

FERNANDES, Lorena Barolo. **Ensino de arte no universo autista: um relato de extensão da faculdade de artes do Paraná** / Lorena Barolo Fernandes; orientadora Anita Helena Schlesener. — 2010. 149 f.

FIGUEIREDO, Tatiana Hilgemberg. **Paraolimpíadas e Mídia: A Cobertura Deficiente**. Juíz de Fora. 2005.

GONZALEZ, J. S.; SILVA, R. P; **Jogos Paraolímpicos : o contexto histórico e atual**. Rio Grande do Sul, 2008.

JÚNIOR, Wanderley Marchi. MOREIRA, Tatiana Sviesk. **Mídia Impressa : Construção de uma preferência Nacional**. Paraná.

LIMA, Bruno de. Brasil fecha Paraolimpíada com 43 medalhas. Disponível em < <http://www.agenciach.com.br/brasil-fecha-paraolimpiada-com-43-medalhas/> > Acesso : 22 de out. de 2014.



NOVAIS, Rui; FIGUEIREDO, Hilgemberg, Tatiane. **Os picos de Pistorius: sucessos e reveses retratados nos media**. In: VI SOPCOM, 2009a. Lisboa. CD-ROM.

SOUZA, Li-Chang Shuen Cristina Silva . **Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento**. Pernambuco. 2005.

STROBEL, Lilian Karin. **Surdos: Vestígios Culturais Não registrados na História**. 2008. 176 f. Tese. (Doutorado em educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.